



SÉRGIO DE SÁ

**“A noção de permanência está mais nos poucos espaços acadêmicos que se dão à tarefa de ler os contemporâneos. A mídia faz o papel de bússola de um consumo que tende ao efêmero”**

Em 2010 fui convidado a participar do debate de lançamento de *A reinvenção do escritor: literatura e mass media*, resultante da tese de doutoramento de Sérgio de Sá. Sabendo que o autor é professor de Comunicação (UnB), me preparei para deparar uma série de pontos de vista em comum, mas também as discordâncias históricas que, com alguma frequência, tensionam as relações entre os jornalistas e as faculdades de Letras.

Para minha surpresa, encontrei o melhor texto sobre a ficção nacional de nosso tempo que li até agora. Entre as explicações para a qualidade do trabalho, destacaria o calor e o brilho com que o ensaísta trata o literário, do qual sempre preserva o lugar e realça o valor. Para tanto, mobiliza uma bibliografia com a qual dialoga com coragem e dinamismo, atingindo sempre a consistência e a profundidade.

Entusiasmado com o livro, topei resenhá-lo para o *Correio Braziliense* e, posteriormente, propus esta entrevista, em que Sérgio mais uma vez se posiciona sem subterfúgios. Ora nos convida a abrir os olhos para outros meios, ora desce a lenha no que há de lixo no presente, para louvar a qualidade atingida por uma série de ficcionistas que, para nossa alegria, estão plenamente em atividade.

**Dau Bastos\***

\* Escritor e professor de Literatura Brasileira (UFRJ).

*Seu livro abre com uma nota em que se diz feito num “estilo pouco, digamos, acadêmico”. Uma vez que o ensaio virou o gênero por excelência das análises de ficção e poesia, trazendo consigo uma história que remonta a Montaigne e passa pelas reflexões alforriadoras de pensadores como Adorno, você não acha que o escrito travado, metido a hermético e pretensamente científico seria um anacronismo? Onde você o enxerga? Nas faculdades de Letras? Nas de comunicação?*

Esse texto, de forma geral, não cabe mais, mas tem também seu lugar e hora. Não por uma exclusão pura e simples. O que ele diz poderia ser dito de modo mais direto e simples. A complicação esconde fraquezas, empulhações de várias ordens. Os trabalhos acadêmicos, em muitos casos feitos a partir de exigências quantitativas, para melhor ou pior desempenho curricular, já são pouco lidos. Escritos em linguagem que pede uma exegese exaustiva tendem a morrer entre o autor e seus compadres, amigos, familiares. Ninguém está dizendo que a verticalidade não é possível e que ela não exige um vocabulário mais extenso e bem aplicado. Basta ler Derrida para compreender essa necessidade. O que ocorre, infelizmente, é mera máscara. A obrigatoriedade do termo comum em circulação nos meios de comunicação de massa fez com que a área de Comunicação se adaptasse melhor, mas ainda há barbaridades cometidas em nome da ciência. Os cursos de Letras, com honrosas exceções, além de não abrirem os olhos para o mundo, complicam a coisa em volteios inúteis. Blabláblá. Não aprenderam a lição de Antonio Candido, para citar um grande exemplo de clareza, elegância e densidade.

*Ao falar do inegável predomínio dos meios de comunicação, você cita Italo Calvino, que “se refere a imagens oferecidas de bandeja, que controlam*

*o que imaginamos". Em vista da inevitabilidade de sermos invadidos pelas mídias impressa e eletrônica, você acredita na possibilidade de o autor partir da ilusão que elas criam para ir ainda mais longe no sentido da ficção? Os meios de comunicação seriam uma fonte de matéria-prima como qualquer outra? Formulo a pergunta pensando no teórico alemão Karlheinz Stierle, que sublinhou a importância das Metamorfozes de Ovídio – resultantes da reescrita criativa das ficções originais (os mitos) – para a libertação da ficção, com a consequente afirmação do romance como gênero capaz de comportar todos os demais discursos sem, no entanto, se sujeitar a nenhum deles. Penso também em Bakhtin, para quem o romance está sempre em metamorfose, é dado à polifonia, faz-se de várias linguagens e mantém a sintonia com o tempo.*

Não tenho a menor dúvida. Os meios de comunicação vêm sendo fonte de inspiração desde que apareceram. A ficção literária incorpora-os como tema e na fatura do texto. E mais: teoriza sobre a mídia, entra em choque com sua linguagem cotidiana, aponta-lhe o caráter manipulador, lamenta o rumo da homogeneização. O problema é a mirada por demasiado adorniana, que perde a chance de uma abordagem menos ortodoxa. Ora, os meios fazem parte da vida. Não há mais a possibilidade de eles não existirem. Adianta a condenação pura e simples? O Big Brother já não é mais o grande irmão da literatura. Há outros signos em jogo. Os meios falam de identidade e memória. O personagem-escritor da literatura em prosa vive conflitos constantes com os chamados mass media. Para ele, os meios são os grandes concorrentes no tempo do consumo do leitor-espectador. Segundo ele, cabe à literatura abrir espaços imaginários que a mídia tende a desprezar, porque ambíguos, incontrolláveis, libertadores.

*Sabemos que as editoras, a mídia e a universidade são muito importantes no estabelecimento do cânon, que, mesmo quando provisório, interfere na acolhida das obras. Não por acaso, você encontrou a literatura contemporânea argentina “dividida entre dois contundentes adversários: academia e mercado”. Como vê a relação entre suplementos literários, casas publicadoras e faculdades (de Letras e Comunicação) atualmente em nosso país?*

Me parece um momento de passagem. Em papel, dois suplementos semanais paulistas – o “Sabático”, no Estadão, e a “Ilustríssima”, na *Folha* – e um carioca – o “Prosa & Verso”, em *O Globo* – dominam a cena em âmbito nacional, sem esquecer que esses jornais também dão notícia ou publicam resenhas de livros em seus cadernos diários dedicados à cultura. O curioso é que eles não parecem mais ditar as modas de leitura. Pautam menos, agendam menos a discussão do que gostariam. Ou melhor: os textos se espalham dentro do minúsculo grupo da população brasileira interessada em literatura. São importantes para a vida literária, alimentam a esfera do debate, fazem a política possível, movimentam egos, causam algum desconforto. A migração para a internet, entretanto, ainda não foi feita pra valer. O leitor dá pouca bola, parece ouvir mais o boca a boca, o conselho particular dado no Facebook. O desafio dos suplementos é escapar das patotas regionais, com amigos e inimigos armados até os dentes. Os cadernos dos jornais de cada estado elevam isso à enésima potência. É preciso fugir também do terreno dominado por determinado pensamento ligado a um quase exclusivo ambiente acadêmico. Em São Paulo, isso chega a ser desagradável, apesar de legítimo. As editoras cavam seus espaços de acordo com a capacidade de investimento. Ao colocar o livro na mão do jornalista e

do resenhista, as grandes saem ganhando. Visibilidade, eis o nome disso. As faculdades de Letras e Comunicação aparecem por meio de quem consegue estabelecer um bom relacionamento com jornalistas. Antes, porém, a maioria dos professores não está disposta a escrever com a rapidez e a leveza que a imprensa solicita. Quando fui editor de Cultura do *Correio Braziliense*, tive muita dificuldade em encontrar quem quisesse ou soubesse fazer esse trânsito entre conhecimento e difusão. Os professores também são muito apegados a uma ideia de autoria que a mídia estilhaça, esculhamba. Eles também não se animam muito porque artigos em jornal ou revista mensal não contam pontos relevantes para o currículo Lattes. ISBN e Qualis são os novos deuses do equivocado sistema de avaliação da universidade brasileira. Não adianta muita coisa o professor de jornalismo escrever em jornal. Vai entender. Falta, portanto, fazer essa comunicação entre distintos espaços que nutrem certo ressentimento mútuo. Um precisa do outro, mas o consenso não se faz com facilidade. Quem está ganhando? A academia fabrica professores de literatura que não gritam sua paixão pela leitura e a literatura. Ela também, ouço dizer, afasta candidatos a escritor, estranhamente. Esses jovens sentem a universidade como uma ameaça. E a academia tem outra brecha grave: não se arrisca ou se aventura pouco na análise do contemporâneo. Prefere se contentar com o que está canonizado. A mídia, não pairam dúvidas, vende melhor seu peixe.

*Entre as artes, a sétima talvez seja aquela que mais crie cisões entre os ficcionistas. Enquanto alguns fogem do cinema como se tentassem escapar à formatação do cérebro, outros se orgulham de sofrer sua influência. O que você diria da relação entre romance e imagem em movimento dada à ficção (filme e telenovela)?*

No Brasil, o contato vem dando frutos recentes. Bons exemplos são Marçal Aquino e Fernando Bonassi, que transitam com inteligência e perspicácia entre as artes. É engraçado, você tem razão: o cinema ainda é sentido muitas vezes, a essa altura do campeonato, como algo bem menor do que a literatura, de reduzida taxa de câmbio no mercado dos valores da autoria. Não vamos nem comentar o caso da televisão... Outro fato nada desprezível é a quantidade de adaptações de romances e novelas para as telas. A literatura continua a alimentar o cinema brasileiro. Antes disso, precisamos lembrar como o cinema influenciou gerações que ainda estão em atividade, romancistas que chegaram primeiro ao filme (e ao gibi!), que gostariam de ter sido cineastas, que se mantêm cinéfilos ativos. A imagem como determinante do modo de encadear cenas, o roteiro como uma projeção sempre possível do texto original, a linguagem que se quer cinematográfica. A literatura só não sabe como fazer para conquistar o público do cinema. Arrisco dizer que isso tem a ver com a concentração exigida para e pela leitura, atrelada ao escasso tempo do lazer, gasto em atividades mais, digamos, socializantes, socializadoras. A leitura sempre individual do romance é antissocial por natureza. E quem ainda está disposto ao silêncio do inconsciente?

*Você afirma que “a televisão cresce em importância e leva a imagem do cinema ao paroxismo. Agoniza, mas não morre”. As dificuldades atuais do cinema fazem pensar em duas outras crises: a primeira enfrentada pela pintura quando da invenção da máquina fotográfica e a segunda pelo romance, no momento em que os irmãos Lumière criaram o cinematógrafo. Em ambos os casos, a saída foi apostar na especificidade e no experimento, com os pintores partindo do impressionismo para*

*desaguar no abstracionismo e os escritores produzindo textos intraduzíveis em vários sentidos, como Ulisses (Joyce, 1922), Viagem ao fundo da noite (Céline, 1932) e Grande sertão: veredas (Guimarães, 1956). Você acha que o cinema tentará caminho semelhante? Por quê?*

Para lembrar bordão que é hit na internet, da lavra de Luisa Marilac: teve boatos de que o cinema estava na pior... Em termos de alcance, não está. E me parece tal a profusão que os caminhos estão apontados, na própria web e fora dela. A experimentação no caseiro, no inusitado, na extensão. No formato tradicional, quando vejo um filme de José Eduardo Belmonte, penso que temos alternativas ousadas e criativas o suficiente para apostar que o futuro já está aí.

*Os analistas sempre discordaram quanto à literatura de seu tempo. Hoje temos, grosso modo: a) aqueles que criticam tudo como forma de estimular a elevação do nível; b) aqueles que, fazendo ou não paralelo com um passado visto como mais fecundo, veem a produção dos coetâneos como menor; c) um grupo bem maior – como se constata na grande quantidade de textos enviados para o site do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea e de comunicações propostas ao encontro que promovemos anualmente, por exemplo – animadíssimo com a produção em prosa e verso de nossa época. O que diria das três posições?*

Nenhuma das alternativas, claro, responde corretamente ao problema. Na prova do vestibular em que uma errada anula uma certa, seria necessário eliminar itens de outras questões, pular do específico para o geral. O franco-atirador perde a razão porque atua como terrorista. Radical e intransigente, chuta tudo e termina por não conseguir se manter de pé. O nostálgico se exime do close-up

que permitiria vislumbrar os detalhes e recompor o panorama. A memória é seletiva: havia muita porcaria no passado. Os que se comportam como Pollyanna, menina ou moça, são os integrados do Umberto Eco: a felicidade não é ampla, geral e irrestrita. Publica-se muito, seleciona-se pouco. Nesse sentido, o bom editor tem sido útil para separar o joio do trigo, ainda que possa algumas vezes publicar o joio, como dizem as más línguas sobre o jornalismo. A internet tem o defeito de permitir a absoluta desierarquização. É bom que não tenhamos mais um veredicto a ser cumprido. As versões do mundo, como apontou Gianni Vattimo, pululam para mostrar as diversas visões do mundo. Ainda não sabemos como julgar a produção atual, mas percebo que a noção de permanência está mais nos poucos espaços acadêmicos que se dão à tarefa de ler os contemporâneos. A mídia faz o papel de bússola de um consumo que tende ao efêmero.

*Se fazemos um paralelo entre os arredores de 1970 e 2010, percebemos que quatro décadas atrás não havia liberdade de expressão, a literatura sofria cobranças de engajamento e a produção de um livro era caríssima. Hoje pode-se escrever o que der na telha, os blogs e as pequenas tiragens baratearam substancialmente os processos editoriais, sem falar que a própria troca do telefone pela internet força todo mundo a escrever. Que nexos você estabeleceria entre dados dessa natureza e a crescente quantidade de ficcionistas e poetas em atividade no Brasil?*

De repente, é como se todas as gavetas fossem reviradas, não? Não teria sido a possibilidade de expressão a escancarar essas veleidades literárias? Mas será que não cabe a pergunta sobre a denominação: são ficcionistas e poetas os que se dizem ficcionistas e



poetas? Basta se dizer para ser? Tem muita gente escrevendo, mas, deus meu, quanto coisa ilegível. A piada diz que há mais escritores do que leitores ou que os escritores escrevem para os próprios escritores. Os números da leitura e do consumo de livros no país levam a considerar seriamente essas hipóteses. Há, ainda, um processo de expansão da educação formal que precisa ser considerado nessa avaliação. O livro ficou mais barato de ser feito, é fato. O processo de distribuição também se aprimorou. Os ficcionistas vivem mais das “redondezas” do livro do que das vendas. Há prêmios polpudos e bolsas de estímulo à criação. A briga agora é para ser visto, e torcer para que o leitor te compre.

*Em seu livro, você cita os teóricos da estética da recepção, que previram a abertura do horizonte ficcional da humanidade a partir da intensificação do contato com a literatura, com o conseqüente conhecimento das técnicas desenvolvidas por diferentes escritores ao longo do tempo. A seu ver, o que as faculdades de Letras e Comunicação podem fazer no sentido de acelerar esse processo, antecipando a degustação em ampla escala do que Oswald de Andrade chamava de “biscoito fino”, ou seja, daquele texto que, ainda nas palavras dos teóricos da estética da recepção, não se limita – como é o caso do best-seller típico – ao meramente interessante?*

Essa não é uma tarefa fácil, porque a concorrência é forte e muito mais bem estruturada. O nome: capitalismo, ainda que envergonhado, como é o brasileiro. Não sei se a universidade pública teria capacidade de fazer frente às demandas para alterar essa cena. Os processos são burocráticos, a verba é pouca, penosa e envolta em razões e paixões políticas. Há uma morosidade intrínseca que

precisaria ser eliminada pela raiz. Os professores estão dispostos a abandonar um pouco do seu marxismo para entregar o biscoito fino às massas, que estão completamente seduzidas pelas imagens televisivas? Estão dispostos a ir à luta sem se apegar em demasia ao perfil ideológico? Querem abrir uma agenda mais estética e menos política? A academia está disposta a compreender a massa ou quer se manter na posição de imaginar que sabe o que é melhor para ela, como quem possui e apresenta um cardápio imutável? “No escribe para las masas, escribe para las tortas”, foi uma frase que encontrei num blog coletivo argentino. Isto é: a universidade está a fim de largar um certo mau humor direcionado ao gosto popular para tentar trazer o espectador para o lado de cá, da leitura que nos enriquece, enlouquece e dá um prazer incrível? Aos escritores cabe a tarefa de largar mão de querer ser Machado de Assis (em provocação clássica de José Paulo Paes) e se dar o dever de trabalhar na ambiguidade, entre a comunicação e a experimentação, propondo uma corrida de 100 metros com obstáculos que pode, entretanto, ser cumprida no tempo de cada um, no tempo próprio que cada pessoa reinventa ao abrir um livro. Gosto de citar *A senhorita Simpson*, de Sérgio Sant’Anna, como um texto modelar para isso. Ou, mais recentemente, *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, que foi laureado mas não lido na escala em que poderia ou deveria, se fôssemos um país de homens e livros.

*Não é de hoje que se luta para acabar com a aura da obra de arte. Dos gestos dadaístas às reflexões desenvolvidas por Walter Benjamin, abunda cal para se colocar uma pá definitiva na pose do artista e de seu produto. No campo da ficção e da poesia, a popularização das técnicas por meio de oficinas e outros mecanismos, a facilidade de circulação dos*

*textos propiciada pela internet e o barateamento desse suporte considerado nobre que é o livro também contribuem para sonharmos com a democratização ou mesmo a socialização da produção literária. Acontece que persiste a diferença entre o texto produzido com vagar, lapidado a fundo, e o escrito feito às pressas, para publicação imediata. Assim se explica, por exemplo, que até hoje nossos cronistas escolham, entre aqueles veiculados em periódicos, os poucos merecedores de constar em livro. Teço todas essas considerações para perguntar o que você acha da ideia de abolição do valor literário dos textos.*

Abominável. Detesto essa ideia de que o que vale é “colocar pra fora o sentimento” ou, no extremo oposto, a noção de que o lugar de fala resolve tudo, como se fosse boa literatura algo que sai de dentro da prisão porque saiu de dentro da prisão. Me poupem. Graciliano Ramos esteve preso e era Graciliano Ramos. Sim, é o momento de resgatar esse valor literário, mas sob o impacto incontornável da onipresença da mídia. Prefiro pensar em termos de valor cultural, para ampliar esse “literário”, que supõe um certo fechamento, algo que se encerra, algo que pede uma chave para entrar, apenas alcançável por um grupo de iluminados. Não, nada de cânone ocidental que se quer tábua de salvação e orientação, tampouco a literatura servindo como uma cartilha a sociologismos de categoria duvidosa ou como prova de teses de gênero, como anda em voga, na moda. À literatura o que é da literatura, mas com o tal olhar estrábico proposto por Ricardo Piglia. A literatura precisa tirar proveito da posição de perdedora, loser. Provocar desse lugar marginal um olhar novo, mediático sem deixar de ser literário. Precisamos retomar a discussão do prazer e do gosto estético.

*No debate de lançamento de seu livro no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ, Cristiane Costa tocou no paradoxo de muitos autores contemporâneos se dedicarem mais à badalação do que à produção ou ao menos, poderíamos acrescentar, à familiarização com a própria literatura. Como vê esse verdadeiro aparato de construção de persona constituído por elementos tão diferentes quanto feiras, redes sociais e photoshop? Honestamente, a literatura brasileira contemporânea pende mais para o cosmético ou para a consciência?*

De novo, nem um nem outro. Não há generalização possível. De que literatura brasileira estamos falando? De gente como Dalton Trevisan e Rubem Fonseca, que continuam a publicar textos muito mais jovens do que os dos garotões, de Silviano Santiago, Sérgio Sant'Anna e João Gilberto Noll, que trazem uma dignidade a toda prova no investimento de vidas dedicadas à ficção, de Milton Hatoum, Rubens Figueiredo, Bernardo Carvalho e Rodrigo Lacerda, que dão pontos em vários nós e nos fazem vibrar e pensar na longevidade da literatura brasileira? Os cosméticos são quase insignificantes aí. Também acredito que um pouco de rock'n'Rio não faz mal a ninguém. Que venha a badalação, que os leitores se deixem impressionar por flips e bienais, que as noites de autógrafo sejam espetaculares. O tempo aberto pela luz do abajur sobre a página do livro extrai os excessos, recompõe a razão e permite que a linguagem literária seja a autoridade a conferir alma e coração ao nome que assina o romance, a novela, o conto, o poema.